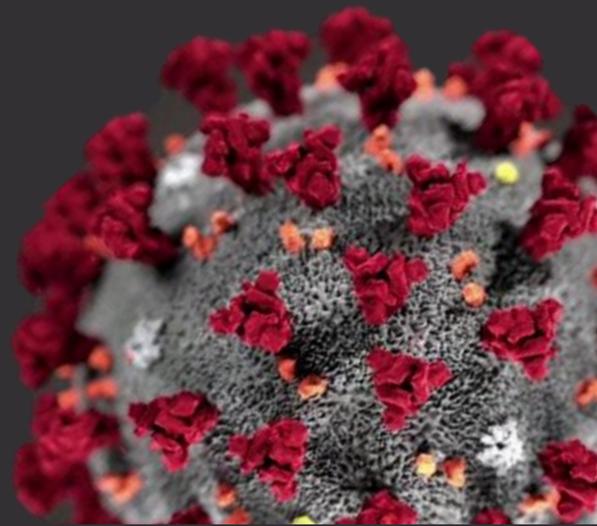


Painel de Monitoramento

Impactos da COVID-19 no mercado de trabalho de Minas Gerais



O Painel de Monitoramento do Mercado de Trabalho é uma produção da Secretaria de Desenvolvimento Social – Sedese, por meio da Subsecretaria de Trabalho e Emprego – Subte, que tem por objetivo acompanhar e atualizar as principais repercussões da pandemia de Covid-19 sobre o mercado de trabalho no estado de Minas Gerais. Nesta edição você confere:

- Requisições de Seguro Desemprego;
- Estatísticas do Sine;
- Resultados PIB mineiro - 3º trimestre;
- Escassez de insumos para a indústria;
- Shoppings: expectativas para 2021;
- Intenção de contratação para 2021;
- Juventude e trabalho precário.

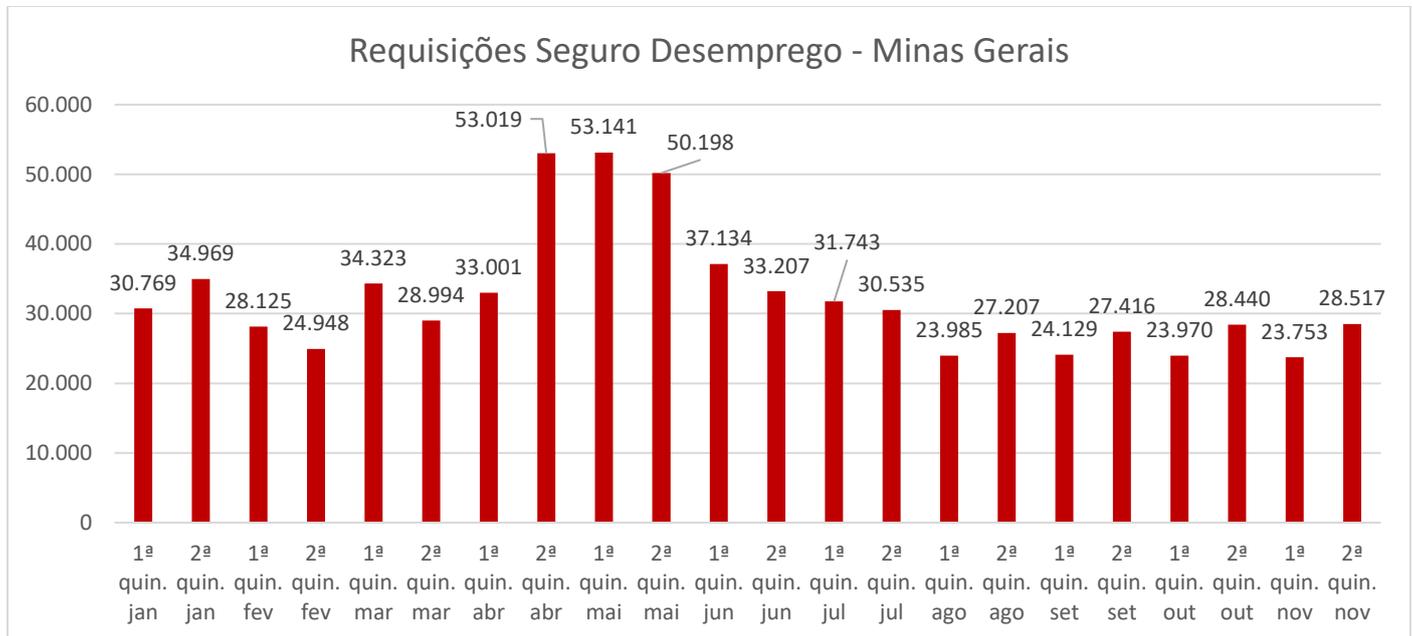
SEGURO-DESEMPREGO

Segunda quinzena de novembro registra 28.517 requisições do benefício, cenário é de estabilidade

Com o cenário de instabilidade econômica e fechamento de postos de trabalho no estado de Minas Gerais, a evolução do número de solicitações do Seguro-Desemprego se torna um importante indicador para dimensionar os impactos da Covid-19 sobre o mercado de trabalho formal. Segundo dados do Ministério da Economia, o número de requisições do Seguro Desemprego em Minas Gerais, na segunda quinzena de novembro, foi de 28.517 benefícios, uma variação positiva de 1% em relação à segunda quinzena de outubro (28.440). Foram apenas 77 pagamentos a mais, indicando estabilidade. Se comparado com a mesma quinzena de 2019 (30.190 benefícios), é possível inferir que novembro de 2020 terminou com uma queda de 5,5% sobre as concessões do Seguro-Desemprego, o que evidencia um comportamento de preservação dos postos de trabalho formais.

Partindo para uma análise econômica, identifica-se que o segmento de Serviços foi o maior demandante do benefício, correspondendo a 32,5% do total de Seguros-Desemprego requeridos. Na sequência aparecem o Comércio e a Indústria, com participação de, respectivamente, 24,8% e 16,3%. Nas últimas posições, com menor representatividade percentual, aparecem a Construção (15,1%) e a Agropecuária (11,2%). A distribuição nesse ranking tem se repetido desde julho de 2020, com discretas variações percentuais, o que revela que os benefícios reproduzem o padrão de maior

ocorrência em segmentos com maior índice de formalização dos vínculos empregatícios, e não necessariamente daqueles com maior fluxo de desligamentos.



Fonte: Ministério da Economia ([Coordenação-Geral de Gestão de Benefícios](#))



Sobre o perfil dos requerentes, a maior parte ainda é composta por homens (65,7%), pessoas com idade entre 30 e 39 anos (35,8%). Além disso, quase 7 em cada 10 trabalhadores, tinham menos de 39 anos de idade. Quanto à escolarização, 90,7% possuíam ensino médio completo ou menos. Quanto a faixa salarial, houve predomínio de trabalhadores que recebiam até 1,5 salário mínimo (57,7%). Os dados mostram que a maior parte dos postos de trabalho fechados eram de menor qualificação exigida e menor remuneração.

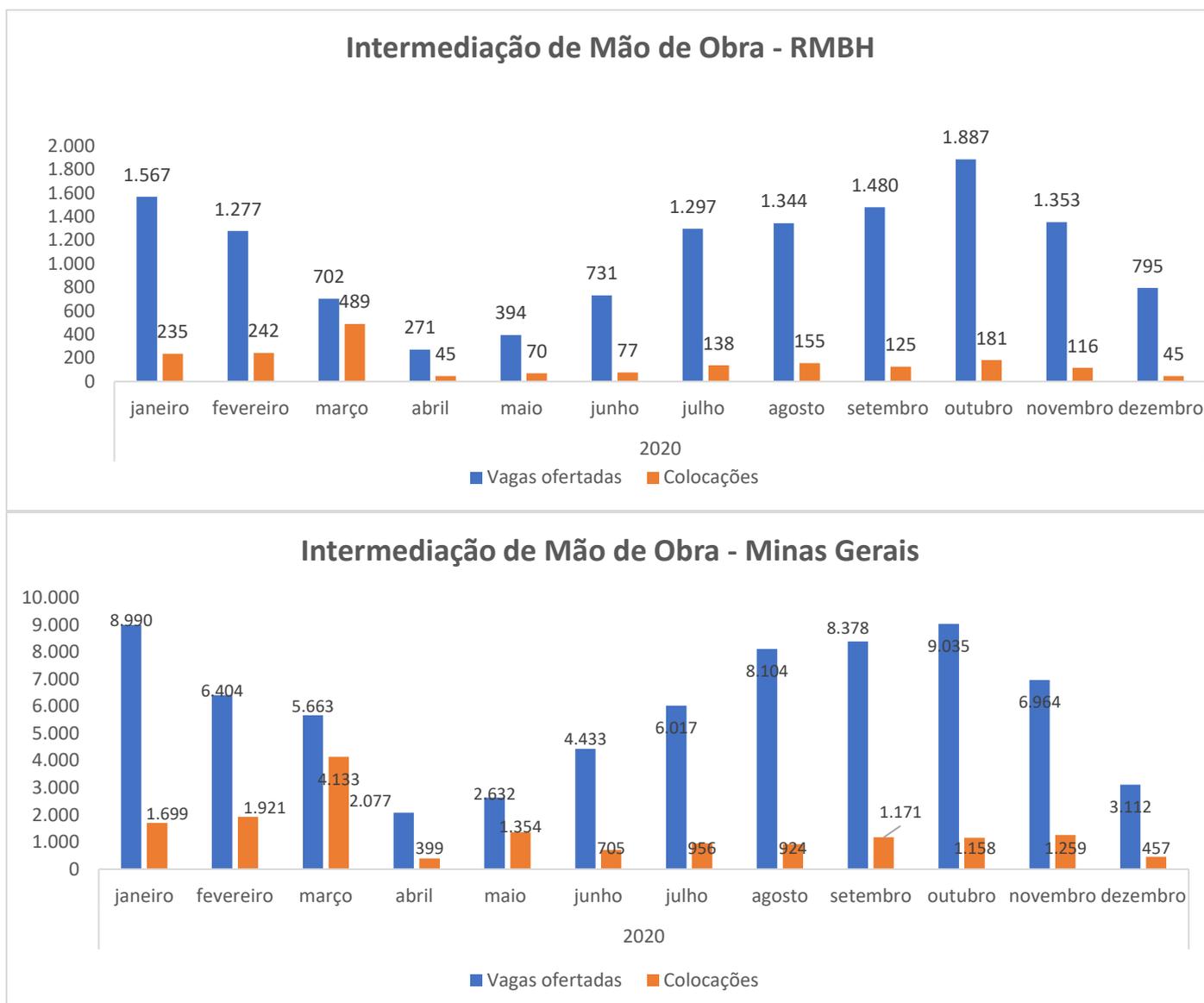
Fonte: Ministério da Economia ([Coordenação-Geral de Gestão de Benefícios](#))

ESTATÍSTICAS DO SINE

Postos de atendimento retomam serviços presenciais

As unidades de atendimento do SINE em Minas Gerais registraram 901.371 atendimentos entre janeiro e dezembro de 2020 (até o dia 14/12), nos diferentes serviços ofertados pela rede, como habilitação do Seguro Desemprego e intermediação de mão de obra, que contempla encaminhamento para vagas de emprego, captação de vagas e colocação de trabalhadores no mercado de trabalho.

A interrupção dos atendimentos presenciais nas unidades do Sine a partir do dia 23 de março implicou na diminuição dos resultados apresentados até maio do presente ano, se analisado o comparativo com o mesmo período de 2019. A partir do mês de julho, as unidades retomaram o agendamento presencial, o que justifica o aumento no número de vagas ofertadas e colocações. Os gráficos abaixo detalham essa realidade no Estado de Minas Gerais:



Fonte: Ministério da Economia – Base de Gestão IMO/SD. Dados de novembro contabilizados até o dia 14/dez

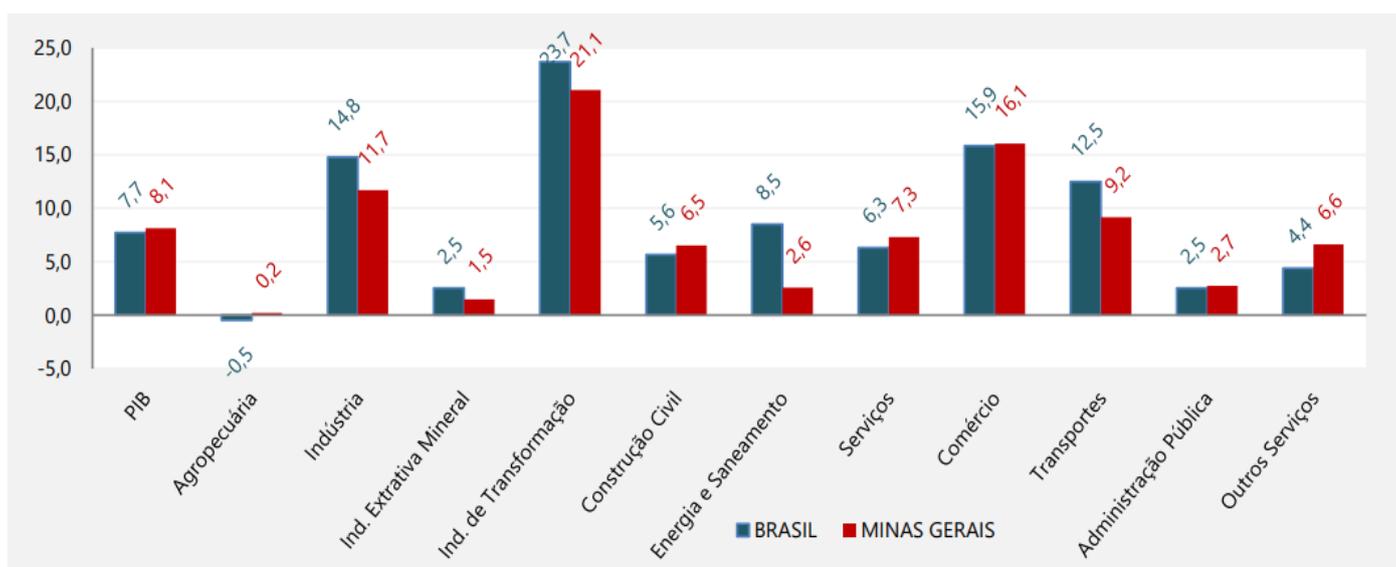
PIB TRIMESTRAL DE MINAS

Indústria de transformação foi o grande destaque

A chegada da pandemia em meados de março provocou um forte abalo no desempenho econômico de Minas Gerais, porém, resultados recentes do Produto Interno Bruto estadual (PIB) já evidenciam a tendência de recuperação da atividade econômica no estado. Em divulgação feita pela Fundação João Pinheiro (FJP), o PIB mineiro no terceiro trimestre de 2020 cresceu 8,1% na comparação com o trimestre imediatamente anterior. Apesar de positivo, na comparação com o terceiro trimestre de 2019, houve recuo de -2,7% no valor do PIB. Na comparação do acumulado do ano, o resultado dos três primeiros trimestres de 2020 apresentou retração de -5,2% em relação ao mesmo período do ano passado. Em valores correntes, o PIB do estado no terceiro trimestre totalizou R\$ 171,8 bilhões, o que equivaleu a 9,1% do PIB nacional no período.

O crescimento de 8,1% do PIB mineiro na passagem do segundo para o terceiro trimestre do ano representou a maior variação positiva da série histórica, iniciada em 2002. Apesar disso, como explicado em maiores detalhes no relatório produzido pela FJP, a melhora observada no terceiro trimestre ocorreu sobre uma base de comparação extremamente deprimida pelos impactos da pandemia de COVID-19 na atividade econômica. Outro fator a ser considerado é que, apesar da melhora, a atividade econômica do estado ainda não retornou ao patamar do período pré-pandemia.

PIB e Valor Adicionado: Taxas de variação no trimestre (em relação ao trimestre imediatamente anterior) na série com ajuste sazonal – Minas Gerais e Brasil – 3º trim. 2020 – (%)



Fonte: FJP. PIB trimestral de Minas Gerais - 3º trimestre de 2020

Sobre os setores de atividade econômica considerados no estudo, os resultados do PIB estadual mostraram que todos apresentaram variação positiva na comparação com o segundo

trimestre de 2020. A agropecuária cresceu 0,2%; a indústria, 11,7%; e os serviços, 7,3%. Todos os subsetores da indústria apresentaram crescimento: Indústria de transformação (21,1%), Construção civil (6,5%), Energia e saneamento (2,6%) e Extrativa mineral (1,5%). Houve destaque no terceiro trimestre para a fabricação de bebidas e a retomada em segmentos prejudicados com as paralisações no segundo trimestre, como a indústria têxtil e a cadeia metalomecânica.

ESCASSEZ DE INSUMOS PARA A INDÚSTRIA

Há descompasso entre demanda e oferta de insumos na indústria

Segundo o economista Rafael Cagnin, do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), em entrevista para o Jornal O Estado de São Paulo, o descasamento da oferta e demanda de insumos pode atrasar a recuperação da indústria brasileira nos próximos meses. Segundo o economista, como diversas matérias-primas são importadas, o que implica maior prazo de entrega, e outras cujo aumento da produção depende de um cenário de baixa incerteza no curto prazo, a situação tende a não se resolver de forma tão rápida. Até lá, a indústria brasileira pode enfrentar problemas como diminuição da produtividade e aumento dos preços, além da dificuldade para repassar essa alta para o consumidor.

Na visão de Cagnin, uma possível paralisação das linhas de montagem por falta de insumos no país pode tornar a recuperação economia mais lenta e reduzir a margem de lucro das empresas. “A gente já tem uma pressão derivada do câmbio. Agora, tem essa pressão adicional derivada da demanda maior do que a oferta de componentes. Isso comprime a margem em um momento em que seria importante tê-la para gerar recursos para pagar o aumento do endividamento na crise.”

Sobre a regularização desse descompasso entre demanda e oferta por insumos, o economista destaca que o aumento da produção e, conseqüentemente, da oferta depende, especialmente, de um aumento consistente da demanda por insumos, algo que só deve ocorrer no primeiro trimestre de 2021, quando, talvez, não se tenha mais o auxílio emergencial. Do lado da demanda, a situação tende a ser amenizada, mas dependerá do não agravamento da crise sanitária no país, ao ponto de exigir a adoção de novas medidas muito restritivas à circulação de pessoas. “Esse descasamento (de oferta e demanda de insumos) deve diminuir no próximo trimestre, inclusive porque há requisitos técnicos para a produção. Para se ligar um alto-forno de siderurgia tem de ter certeza de que a demanda torna rentável ligar esse forno. Ninguém religa para produzir 10% a mais. Enquanto não se tem certeza de que a demanda veio para ficar, o religamento é adiado. Insumo importado também demora para chegar”, explica.

Por fim, o economista concluiu ressaltando que o problema não é enfrentado apenas pelo Brasil, mas pela maioria dos países no mundo e que é preciso repensar as cadeias de fornecimento internacionais para torná-las mais seguras, lançando mão do uso de tecnologia e de maior regionalização. Reportagem: Estado de Minas.

SHOPPINGS: EXPECTATIVAS PARA 2021

Dúvidas sobre a vacinação reduz otimismo dos empresários



Imagem: Pxhere

Um dos segmentos mais prejudicados pela pandemia de Covid-19, os shopping centers, devem enfrentar um cenário de forte incerteza em 2021. O noticiário recente sobre a vacinação da população e possível retorno das restrições de circulação de pessoas reduziu o otimismo dos empresários em relação a uma recuperação rápida das atividades.

Em 2020, as ações das quatro maiores empresas do segmento listadas na bolsa de valores oficial do Brasil (B3), acumularam desvalorização superior a 40%, já as ações das duas empresas mais recomendadas por analistas do setor, recuaram aproximadamente 25% ao longo do ano. Regis Chinchila, analista da Terra Investimentos, explica que o otimismo dos empresários do setor depende muito do fim das medidas de restrição à circulação de pessoas, já que diversos shoppings ainda funcionam de forma parcial. "Com isso, os resultados podem ser melhores para 2021, mas não tão bons como antes da pandemia".

Na visão de Álvaro Bandeira, do banco digital Modalmais, a vacinação da população também será fundamental para a recuperação do segmento em 2021, já que as pessoas precisam estar mais confiantes para voltar a frequentar shopping centers como no período pré-pandemia. Já Ricardo Peretti, estrategista de renda variável da Santander Corretora para Brasil e América Latina, tem uma visão mais otimista e acredita que o pior da crise já passou. "Acreditamos que o pior tenha ficado para trás no setor de shoppings, já que as vendas dos lojistas, o interesse por um novo espaço comercial, o fluxo de clientes e o tempo médio de permanência nos shoppings continuam a evoluir a cada mês", afirma. Reportagem: Estadão.

INTENÇÃO DE CONTRATAÇÃO PARA 2021

87% dos empresários não pretendem demitir no primeiro trimestre de 2021

Segundo uma a pesquisa “Expectativa de Emprego” da ManpowerGroup, os empresários mineiros têm mostrado intenções positivas de contratação para o primeiro trimestre de 2021. Os resultados do levantamento mostraram que 17% dos empresários pretendem aumentar o quadro de funcionários no primeiro trimestre do ano que vem, ao passo que 71% não pretendem aumentar nem reduzir. Apenas 6% dos entrevistados preveem demissões no período e 6% não souberam responder. O mesmo indicador para o Brasil obteve resultado bastante semelhante ao de Minas Gerais: 17% pretendem contratar, 70% manter e apenas 8% demitir.

Para Wilma Dal Col, diretora da ManpowerGroup, “existe uma percepção positiva, otimista. Estamos falando, muito provavelmente, de um grupo de empresas que estão confiantes que haverá uma retomada nas ações do mundo corporativo, nas atividades ligadas a alguns setores. Se acredita que vamos ter uma retomada, até porque o primeiro trimestre de 2021 está igual ao mesmo período de 2020, quando nós não tínhamos o coronavírus. Acreditamos que isso seja um fator bem importante porque mostra um otimismo dos empresários e empresas que estão contratando”, explica.

Segundo Dal Col, ao analisar a situação do país, é possível perceber que as expectativas de crescimento de alguns setores de atividade econômica se destacam.

“Percebemos uma intenção positiva nos setores de varejo e comércio atacadista, seguido também, do setor industrial, que não vinha com uma faixa de crescimento. E uma manutenção dessa taxa no setor financeiro, imobiliário e de seguros. Percebemos uma manutenção desse setor, ainda com investimento e era o único que vinha um pouco mais positivo”, completa.

A expectativa de crescimento para o primeiro trimestre de 2021 entre os empresários mineiros (13%) foi superior à média nacional em 3 pontos percentuais. Para a diretora, essa diferença pode ter sido causada pelo crescimento da expectativa dos setores atacadista, varejista e industrial. “Pode ser que as empresas que responderam à pesquisa, da região de Minas Gerais, pertençam mais a esses setores ou pode ser que de alguma forma, esses setores tenham uma presença um pouco mais relevante dentro do estado e, dessa forma, acabaram fazendo com que a média ficasse um pouco mais elevada”.

A expectativa de crescimento para o primeiro trimestre do ano que vem, apurado pela pesquisa, mostra que o resultado é exatamente o mesmo do primeiro trimestre de 2020.

Reportagem: Estado de Minas.

JUVENTUDE E TRABALHO PRECÁRIO

Maior parte dos jovens possui empregos de má qualidade

Um levantamento feito pela IDados revelou que quase 8 em cada 10 jovens de até 24 anos estão ocupados em empregos precários no país. Conforme metodologia da pesquisa, para avaliar se um determinado emprego poderia ser considerado precário ou não, foram analisados quatro aspectos: salário, estabilidade, rede de proteção (Como INSS, por exemplo) e condições de trabalho. O resultado do estudo mostrou que 77,4%, dos trabalhadores com até 24 anos, têm emprego de baixa qualidade. Em números absolutos, são 7,7 milhões de pessoas.

"No mundo todo, o jovem tem uma renda menor e maior dificuldade de se colocar no mercado. Mas, no Brasil, os percentuais indicam uma qualidade do emprego pior por causa da maior rotatividade e da informalidade (no mundo, os percentuais estão em torno de 60%)", diz o economista Bruno Ottoni, pesquisador do IDados.

Em todos os aspectos considerados na identificação de empregos de má qualidade, em geral, os empregos dos jovens apresentam fragilidades em especialmente em dois: salário e estabilidade. Para cerca de 90% deles, a renda é inferior a 6 vezes o valor de uma cesta básica e 75% têm no máximo 36 meses de tempo de trabalho.

Uma das principais explicações para a baixa qualidade dos empregos dos jovens no mundo estão: menor experiência, menor nível de conhecimento e rede pequena de contatos. Estes são fatores amplamente analisados e documentados, mas os números do IDados mostram também em quais condições os jovens entram no mercado de trabalho.

Segundo Ottoni, a baixa qualidade do emprego deixa o jovem mais vulnerável no caso de perda do emprego, especialmente quando o emprego é informal – 32,7% dos jovens trabalham sem carteira assinada no país. Além disso, para o professor do Insper, Sérgio Firpo, empregos precários podem desencadear o abandono dos estudos e uma estagnação do capital humano. Além disso, a má qualidade desses empregos também eleva a rotatividade do jovem no mercado. "A experiência adquirida ao longo do tempo desenvolve capitais específicos. Sem isso, poderemos ter trabalhadores que não conseguiram se desenvolver de forma adequada ao longo do tempo".

Na comparação com o ano passado, o indicador apresentou leve melhora, recuou de 79,1% para 77,4% em 2020. Entretanto, o pesquisador explica que a melhora é uma distorção provocada pela pandemia de Covid-19 que eliminou, especialmente, postos de trabalho informais e de baixa remuneração. Distorção semelhante foi observada no rendimento médio real habitual das pessoas ocupadas, estimado pela PNAD Contínua, que aumentou com a chegada da pandemia.

"Como a qualidade do emprego é calculada com base em quem está empregado, o indicador pode melhorar. Mas vai piorar assim que o trabalhador demitido voltar ao mercado de trabalho, provavelmente em ocupações piores", explica o economista. Reportagem Estadão.